

ESTÔMAGO: uma história de lamber os beijos

Por Isolda Herculano

O longa *ESTÔMAGO*, uma produção ítalo-brasileira do diretor Marcos Jorge, parece, em princípio, ser um filme com roteiro já explorado por outras bilheterias. Seu enredo conta a história de Raimundo Nonato, um nordestino que decide aventurar na cidade grande, feito milhares de conterrâneos seus, por não ver o Nordeste como uma terra de sorte. Mas toda história que se preze tem princípio, meio e fim – e, em se tratando de *ESTÔMAGO*, a primeira impressão é a que muda.

Que sorte haveria de aguardar um cidadão semi-analfabeto, sem um tostão no bolso e desprovido de boas procedências? Certamente, Nonato gastaria meses (anos até) na fila de espera pelo primor de um emprego formal. Mas a informalidade existe e é nela que o forasteiro consegue dar os primeiros passos de uma caminhada relativamente curta entre a miséria de sempre e a novidade da ascensão. Interpretado pelo jovem ator João Miguel – que estrelou produções como *Cinema*, *Aspirinas* e *Urubus* (2005) e *O Céu de Suely* (2006) – o personagem migra da inocência nata à sagacidade numa gradação tão brusca quanto imperceptível.

O centro das atenções no filme é, sem sombra de dúvida, a comida. Comer significa matar a fome, no seu sentido mais natural. Comer significa alcançar status, já que alguns pratos custam caro. E a comida significa, indeseavelmente, uma habilidosa forma de adquirir poder – quando o assunto é pesar a mão sem exagerar no tempero. Raimundo Nonato, que não poderia entender dessas definições, acaba aprendendo no labor diário, como preparador de coxinhas nos fundos de um boteco, que cozinhar é a arte da conquista. Mas é na refinada cozinha de um restaurante italiano que a disposição bruta do cozinheiro pode ser lapidada com o auxílio sem-igual de Giovanni (Carlo Briani), proprietário do estabelecimento e amante da arte culinária. É através dos ensinamentos do patrão que Nonato consegue adicionar a seu talento o conhecimento e a técnica que jamais teve.

Um envolvimento amoroso daria mais cor e sabor a narrativa, por isso o aparecimento da figura feminina numa realidade, até então, predominantemente masculina funciona como aperitivo, quando ainda é impossível imaginar elementos do prato principal. Neste contexto, aparece Íria (Fabíula Nascimento), gulosa prostituta que não vê problemas em negociar o corpo por uma gorda quantia de prazer gastronômico. Em algumas ocasiões, cobra bem barato: uma porção de coxinhas conservada em geladeira serve de adiantamento, desde que preparada por Nonato. O relacionamento dela com o cozinheiro interliga, de uma vez por todas, a gula e a luxúria – dois dos mais permissíveis pecados capitais.

No cerne do ambiente penitenciário, destino que garante o suspense do filme, é preciso galgar posições numa escala social pré-estabelecida e, muitas vezes, injusta – exatamente como acontece do lado de fora das grades. O protagonista, que deixa de ser Nonato para se tornar Alecrim, se vê diante de uma guerra declarada e decide lutar munido de garfo e faca: armas de sua única habilidade. A conquista paulatina de mais espaço é um momento esclarecedor para o cozinheiro perceber que, na vida e na arte, há os que devoram e os que são devorados. Ele prefere devorar. Ainda que mastigue vagarosamente o alimento, como mandam os manuais de etiqueta e a política da boa vizinhança.

ESTÔMAGO, uma fábula para expectadores adultos, explora o limiar humano na luta pela sobrevivência digna entre os prazeres da carne e a idoneidade moral. O filme mistura comédia, drama, alegoria e suspense, como se todos esses ingredientes fossem condicionantes para um succulento desfecho final. No fim das contas, pode se dizer que são, pois as cenas, além de marcantes pelos diálogos, cores, trilha sonora e atuação, parecem ter cheiros e aguçar outros campos sensoriais da percepção humana. Uma produção que desperta, no escuro e no frio de uma sala de projeção, a inquietante vontade de abandonar medidas calóricas, pavores ideológicos, e se fartar de tudo até o lambar dos dedos.

Isolda Herculano (Alagoas/ Bahia)

isoldaherculano@hotmail.com

Jornalista. O texto aqui publicado ficou em segundo lugar em um concurso de crítica cinematográfica na cidade de Maceió, Alagoas.